



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV
N.º 14

CANÇÕES POPULARES DE VILLA DO CONDE

Recolhidas por

JOSÉ DA SILVA VIEIRA

1

Adeus freguezia d'Arvore,
E's de *assubir* e descer;
Quem em ti tomar amores
Nunca se ha-de arrepender.

2

A laranja no verão
Tem toda a galanteria,
Na boca de quem é fraco
Quem é hom não tem valia

3

Adeus olhos côr do ceu,
Encanto dos sonhos meus;
Adeus, amor, até á vista,
Adeus, anjol adeus, adeus!

4

Ainda que meu pac me mate,

Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão 'stá prometida.

5

Antre Fão e Espozende
Mette-se o rio no meio,
Quando te quero fallar
O rio sempre está cheio.

6

A oliveira cortada
Sempre fica oliveira,
A moça casada nova
Sempre pensa que é solteira.

7

A canna verde no mar
Arrebenta ao nascer
Assim aconteça aos olhos
De quem me não pode vêr.

8

Botei um limão correndo,
A' tua porta parou;
Quando o limão te quer hem
Que fará quem o *botou*.

9

Botei o preto por luto,
O branco por bizzarria,
O verde por esperança
De te lograr algum dia.

10

Com pena peguei na penna

Sómente p'ra te escrever,
A penna cahiu-me ao chão
Com pena de te não vêr.

11

Como te vai casadinha
Ao outro dia da boda?
Graças a Deus, vae-me bem,
Nunca eu casada fôra!

12

Cuidavas em me eu rir
Que já me tinhas na mão!

13

Dei um nó na fita verde,
Dei outro na vermilhinha,
Ainda espero de dar outro
Na tua mão e na minha.

14

Deste-me alecrim por prenda
Por ter a folha miuda;
Quizeste-me experimentar,
Meu coração não se muda.

15

Deixa-me ir que sou a neve
Que tudo hei de queimar;
Eu hei-de ir ao teu jardim
Nem folhas te heide deixar.

16

Deste-me uma pêra verde
Que havia de *amadurar*.
O que è verde, sempre è verde,
Tú querias-me enganar.

17

Eu morro de uma paixão,
Na campa fica o letreiro.
Não ha terra que desgaste
Um amor tão verdadeiro.

18

Eu quero bem ao meu hem,
O meu bem me quer a mim,
O meu hem quer bem a todas
Já eu não posso ser assim.

19

Esta rua não tem nome,
Eu sou quem lh'o heide pôr;
Rua de Cima de Villa
Onde mora o meu amor.

20

Estou mortinha que venha

O tempo que está para vir,
O tempo das esfolhadas
Para m'eu *advertir*.

21

Eu já não sei como vivo,
Nem onde trago o sentido;
Em pensar na tua ausencia
Trago o juizo perdido.

22

Eu fui a que disse ao sol
Que não tornasse a nascer.
A' vista d'esses teus olhos
Que vem o sol cá fazer?

23

Eu casei-me ha um anno
P'ra ver a vida que tinha.
O anno vae-se acabando...
Quem me dêra solteirinha!

24

Eu sempre gostei e gosto
Do nome de Manuel,
Agora na mão o tenho...
Cahiu-me a sopa no mel.

25

Hei-de fallar, hei-de rir,
Hei-de ser muito alegre,
Hei-de mandar a tristeza
P'r'ó diabo que a leve.

26

Eu quero-te tanto hem,
Que não tem explicação.
Eu quero varrer 'ma nuvem
Que trago no coração.

27

Foste dizer mal de mim
A um amor que foi meu;
Botastes agua no lume,
Elle ainda mais ardeu.

28

Fui dar com o meu velho
Atraz da porta da *loge*;
Atirei-lhe com um fueiro...
Olha o velho como fogel!

29

Loureiro, verde loureiro,
Loureiro da haga preta,
A quem eu prometto não falto...
Pede a Deus que t'eu prometta.

30

Meu amor anda-me ver,
Traz a roupa n'um braçado;
Ainda se ha-de poder ver
Uma rosa ao pé d'um cravo.

31

Mangericão da janella
Já te podés ir seccando;
Quem te regava morreu,
Eu já me vou enfadando.

32

Meu amor anda-me ver
Inda que guerra tenhaes,
Eu tambem em guerra vivo
E mais digo que vinhaes.

33

Minha maçã vermelhinha
Picada do rouxinol,
Se não foras picadinha
Eras linda *com'ó* sol.

34

Meu amor anda-me vêr,
Não queiras demorar mais,
Que meu coração já vive
Entre suspiros e ais.

35

Mandaste-me regar herba,
Eu herba não sei regar;
Mandae-me fallar d'amores
Que eu d'isso sei fallar.

36

Mangerico que *revira* a folha
Faz da guarda sentinella,
Eu morro de uma paixão
Se te não logro, donzella!

37

Mangerico que *revira* a folha
Faz a guarda a um jardim,
Eu morro de uma paixão.
Se tú não és para mim.

38

Milho verde, milho verde,
Verde da folha estreita;
No meio do milho verde
Namorei uma sugeita.

39

Meu amor anda-me ver,
Em Espozende não vivas mais,

Terra do milho miudo,
Alimento dos pardaes.

40

Meu amor se fores á *missa*
Põe-te em sitio que t'eu veja,
Não faças andar meus olhos
Em leilão, pela egreja.

41

Meu amor se te prenderem,
Deixa-te dar á prisão,
Que o anel d'este meu dedo
Será a tua livração.

42

Meu amor viestes tarde,
Tens de ficar ao *serenho!*
Abre a porta, está calado,
Que eu hem sei que tarde venho.

43

Não sei se te diga adeus,
Se te diga vou-me embora;
O adeus è saúdoso...
Quem diz adeus, logo chora.

44

Não sei se cante, se chore
Para allivio d'uma pena.
Se canto, tudo me esquece;
Se choro, tudo m' *alembra.*

45

Não posso viver mais tempo
Nesta vida tão caçada,
Sem a tua companhia
Passo vida amargurada.

49

N'aquella noite saudosa
Quando de tí me apartei,
Cem passos não eram dados
Quando sem alma fiquei.

47

No bico de duas pombas
Nossos corações *suspendidos.*
Separados um do outro,
Mortos, por estar unidos.

48

Não posso viver alegre
Ausente de quem adoro.
Se te não torno a ver
Lagrimas de continuo choro.

49

O loureiro é loucura,
A vaga, variedade.
Tambem digo que é loucura
Amar a quem se faz grave,

50

O' José pega na penna,
Escreve que eu vou notando;
Escreve *qu'eide* ser tua
Não sei a hora, nem quando.

51

Olhos que matam gente
Logo ao primeiro tiro,
Matai-me muito embora,
De taes olhos não retiro.

52

Os nossos dois corações
Unidos à sympathy,
Sò lhes falta união...
Quando será essa dia?

53

O diabo leve os ratos
E os dentes ás formigas,
Que me roeram o livro
Onde estudava as cantigas!

54

O sol, quando nasce, inclina
A's pedras do meu anel.
Tambem sou inclinada
Ao nome de Manoel.

55

Os homens são como o lobo
Arrebitam pelo rabo;
Apparecem ás mulheres
Em figura de diabo

56

Oh meu velho, oh meu velho,
Meu grande filho da puta;
Ainda t'hei-de ver casado
Com as taes da *forda* curta.

57

O velho e mais a velha
Foram ambos à *caruma*,
Ao velho caíram-lhe as calças,
A velha viu-lhe a *barruma*.

58

O' «acipreste» do adro,
Não sssombres a egreja,
Que hem assombrado anda

Quem não tem o que deseja.

59

Oh Egreja d'Espozende
Feita de pedra *molar*,
Là dentro vão ouvir missa
Olhos que hei-de lograr.

60

Oh egreja d'Espozende,
Feita de pedra morena.
Là dentro vae ouvir missa
Quem me resta tanta pena.

61

O' José tũ pede a Deus,
Que eu peço ás almas santas,
Que nos *ajuntemos* ambos
Já que as lagrimas são tantas.

62

O ladrão do negro melro
Toda a noite assobiou.
Desde que veio a madrugada
Bateu as azas... vôou!

63

O' que rico luar vae
Para colher a marcella!
Vamos nós colher-a ambinhos,
Façamos a cama n'ella.

64

O amor quando se encontra
Causa susto e dá gosto,
Sobresalta o coração,
Faz subir a côr ao rosto.

65

O' meu amor, quem te disse
Que eu a dormir suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Que eu alguns suspiros dava.

66

Pensavas em me deixares
Que eu de paixão morreria...
Foste tu, logo vem outro,
Vivo na mesma alegria.

67

Pensavas em me deixares
Que por-ti votava dõ...
Bem fraco é o navio
Que tem uma amarra só.

(Continúa)